

“No limiar da nova era”: a *Tribuna do Povo* de Recife e a Revolução Mundial. 1918-1919.

Frederico Duarte Bartz\*

Introdução.

O movimento operário brasileiro durante a Primeira República teve na imprensa um meio privilegiado de reunião de militantes, de divulgação de suas atividades e de espaço para discutir ideias. O período das grandes greves, entre 1917 e 1919, foi especialmente rico pela multiplicação de periódicos em diversas partes do país, número que crescia com a mobilização dos trabalhadores organizados. Este período também foi marcado pelo fim da Primeira Guerra Mundial e pela vitória da Revolução Russa, que mexeria com a imaginação de muitos militantes operários, que projetavam para muito breve a difusão do processo revolucionário para outras partes do mundo. No Brasil, um dos principais centros de agitação operária foi Recife e nesta cidade foi fundada a *Tribuna do Povo*, um dos jornais operários mais importantes de todo aquele período. Através de suas páginas, conseguimos ver como os temas relacionados ao futuro da Revolução Social são debatidos de forma intensa, ao mesmo tempo em que eram entrelaçados às preocupações locais dos militantes. Pelas páginas da *Tribuna do Povo* de Recife temos testemunho de um tempo turbulento e apaixonado, único na história do movimento operário brasileiro, quando o futuro parecia estar ao alcance dos sonhos dos militantes.

*A Tribuna do Povo* e a conjuntura de seu surgimento

A partir do ano de 1917, os debates em torno da Revolução Social tornaram-se constantes nos jornais operários brasileiros. Dois fatos importantes contribuíram para isto: a eclosão da Revolução Russa em março daquele ano, com o seu aprofundamento a partir de outubro e o início de um grande ciclo de mobilizações operárias no Brasil, marcadas por protestos, greves e insurreições nos principais centros industriais do país.

---

\* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, orientado pela Prof. Dra. Sílvia Regina Ferraz Petersen.

A imprensa operária naquele período se caracterizava por sua função de ser a grande divulgadora das ideias políticas entre os trabalhadores, além de ser um campo de debates entre os militantes<sup>1</sup>. Como as associações de classe durante a Primeira República tinham bastante dificuldade para se manterem ativas, tanto pela falta de recursos financeiros, quanto pelo poder desorganizador da repressão, os jornais acabavam tendo um papel aglutinador entre os militantes, transformando-se também em veículo de mobilização durante os períodos de conflito com os patrões ou o Estado<sup>2</sup>.

Nesta conjuntura específica marcada pela Revolução Russa, que apontava novas formas de luta e novos caminhos para os militantes, além das intensas mobilizações, estudar os jornais operários ganha especial importância. Através destes periódicos as notícias do que ocorria na Europa eram veiculadas conjuntamente com os fatos regionais e nacionais, transformado-se em espaço para debater quais rumos não só o movimento operário estava tomando, mas também para discutir os rumos da própria história universal, já que uma das principais preocupações que surgem através daquelas páginas é a possibilidade da Revolução Russa, associada à crise social provocada pela Grande Guerra, precipitar o início de uma verdadeira “Revolução Mundial”<sup>3</sup>.

A *Tribuna do Povo* de Recife pode ser tomada como exemplo deste período de efervescência da imprensa engajada. O jornal foi fundado pelo tipógrafo Antônio Bernardo Canelas, jovem militante que tinha experiência na imprensa operária, pois já havia criado uma primeira *Tribuna do Povo* na cidade de Viçosa e posteriormente editou *A Semana Social* em Maceió. Naquela conjuntura, Canelas teve de sair de Alagoas por causa das perseguições políticas<sup>4</sup>. Chegando em Recife, fundou a *Tribuna do Povo* em março de 1918, jornal que, com o passar do tempo, tornou-se cada vez mais representativo dos sindicatos pernambucanos. Ao longo dos meses, o periódico foi se tornando órgão da Sociedade União dos Estivadores, da União de Resistência dos

---

1 Sobre uma boa caracterização da imprensa operária ver FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa operária no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

2 Para uma boa caracterização do período, ver BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

3 Sobre o impacto da Revolução Russa no movimento operário daquele período, ver BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004. Sobre a Revolução Russa e seus desdobramentos, ver BROUÉ, Pierre, *União Soviética: da revolução ao colapso*. Porto Alegre: Síntese Universitária/Editora da UFRGS. 1996.

4 Sobre Antônio Bernardo Canelas e o início de sua militância, ver SALLES, Iza. *Um cadáver ao sol*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. p. 39-52.

Trabalhadores em Armazém e Carregadores, da União dos Fundadores e Agulheiros, da União dos Carvoeiros, até que no dia 1º de dezembro se tornou jornal da Federação de Resistência das Classes Trabalhadores de Pernambuco (FRCTP), que estava sendo reorganizada naquele momento.

Durante os anos de 1918 e 1919, período em que existem mais exemplares deste jornal, foram publicados uma série de textos que discutiam os rumos da Revolução Social na Europa e as expectativas de que esta onda revolucionária chegasse até o Brasil. Através da análise destes textos, é possível observar como circularam estas ideias, que eram consideradas fundamentais para a compreensão dos rumos que o movimento dos trabalhadores estava tomando naquele momento. Este estudo é especialmente importante para um local como Recife, cidade que possuía um movimento operário pujante, com uma grande capacidade de mobilização, como demonstram as greves ocorridas na capital pernambucana depois de 1917<sup>5</sup>.

Para esta análise, dividirei o trabalho em duas partes: na primeira, analisarei alguns textos publicados entre os meses de fevereiro e novembro de 1918, período marcado pela expectativa com o fim da Guerra Mundial e com a extensão do movimento revolucionário iniciado na Rússia para a Europa Central; na segunda parte, em que analiso textos publicados desde novembro de 1918, quando eclode a Revolução Alemã, até o mês de julho de 1919, há um debate maior sobre as novas formas que tomaria a Revolução Social e quais as consequências destes novos rumos para os trabalhadores organizados. Após esta data, a *Tribuna do Povo* vai perder sua centralidade, em parte pelo surgimento de um novo jornal operário em Recife, *A Hora Social*, mas também em consequência das divisões que o movimento operário passou a sofrer; além disso, por escassez de fontes, não encontrei exemplares para completar a sequência desta publicação. Por esta razão, minha análise se deterá na metade do ano de 1919.

A expectativa pela Revolução.

---

5 Sobre o movimento operário em Pernambuco deste período, ver REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. *A classe operária em Pernambuco: cooptação e resistência (1900-1922)*. Campinas: PPG em História da UNICAMP, 1981. (Dissertação de Mestrado)

O ano de 1918 estava sendo marcado tanto pela luta dos bolchevistas para manter a Revolução na Rússia, quanto pela continuação da Guerra Mundial no restante da Europa. Para os militantes o fim da Guerra estaria associado à um alastramento da Revolução Social para outros países. Havia uma grande esperança de que os levantamentos populares ocorressem também na Europa Central; tais expectativas vão se generalizar durante o ano de 1918. As notícias da *Tribuna do Povo*, de Recife, permitem ver isso com muita clareza. No dia 10 de março de 1918, no texto “Porque a Alemanha ataca a Rússia”, um articulista comenta as hostilidades alemãs contra os russos e o fato que suas tropas até poderiam tomar o país dos revolucionários, mas a Alemanha seria fatalmente conquistada pelos maximalistas (*Tribuna do Povo*, 10/03/1918, p.2-3). No dia 20 de março, em “A paz russo alemã”, justifica-se o Tratado de Brest Litovsky, afirmando-se que a paz havia sido feita pelos socialistas para que os maximalistas pudessem manter a Rússia mesmo perdendo algumas províncias; porém, no final do processo, os socialistas alemães iriam se levantar também, ocasião em que o Kaiser e o Czar seriam conjuntamente expulsos (*Tribuna do Povo*, 20/03/1918, p.2).

No dia 20 de abril, este tema seria desenvolvido no artigo “Porque demora a Revolução Europeia”, em que o mesmo periódico explicava que a pressão alemã sobre os russos estava barrando o maximalismo e a revolução na Europa, que seria a base da Revolução Mundial:

*E porque demora a revolução europea?*

*Demora justamente porque os povos da Europa Central estão demorando a sacudirem o jugo autocrata que os traz dominados e os maneja criminosamente.*

*Porque, si a revolução russa é a introdução da revolução europea, a revolução allemã é della o primeiro acto. Os actos seguintes já estão preparados na França, na Itália, na Hespanha e na Inglaterra - mas como poderão desenrola-se sem que se desenrole o primeiro?*

*Essa demora no desenvolvimento do seu primeiro acto*

*vem até prejudicar a introdução do drama. Quem não vê que a revolução russa está encontrando dificuldades em seu desenvolvimento porque na Europa Central a democracia ainda não elevou sua voz?* (*Tribuna do Povo*, Recife, 20/04/1918, p.1).

Neste mesmo número do jornal, era publicada uma biografia de Krylenko, líder bolchevista colocado ao lado de Trotsky e de Lenin. No dia 20 de maio o tema é retomado, em “A situação da Rússia”, que comenta a fraqueza do país frente a Alemanha (que estava avançando sobre seu território), mas esta força seria apenas passageira, já que os maximalistas estavam em processo de organização, enquanto o restante da Europa estava se desorganizando (*Tribuna do Povo*, 20/05/1918, p.2).

Deve-se compreender que este é um tema constante do período. Havia o desejo, além da esperança, de que o processo se espalhasse para o resto do mundo, mas a Guerra Mundial seguia na Europa e a Rússia dos revolucionários sofria uma enorme pressão dos Impérios Centrais, que depois do Tratado de Paz haviam conseguido abrir largas brechas dentro do território russo. Além disso, vivia-se a Guerra Civil entre o Exército Vermelho e o Exército Branco, este formado por contingentes fiéis à velha ordem czarista. Mesmo em situação tão difícil, era necessário manter a expectativa em uma Revolução Mundial, para o que era preciso voltar os olhos para outras partes da Europa, como a Alemanha, de onde se esperava um grande levantamento proletário.

No dia 20 de julho, a *Tribuna do Povo*, publicou, por ocasião da data de 14 de julho, uma analogia entre o que ocorria na Rússia e o que ocorrera na França em 1789, por ocasião do aniversário daquele acontecimento, mostrando que a obra dos maximalistas seria sua atualização: “Diante da Revolução Russa, cesse tudo quanto a antiga musa canta” (*Tribuna do Povo*, 20/07/1918, p.3). Mais que uma atualização da Revolução Francesa, ela seria sua superação, pois inaugurava novos padrões de conduta e novas formas de ação para os revolucionários do mundo, fazendo cessar os parâmetros antigos.

A paz dos revolucionários russos com os alemães provocou uma série de acusações contra os bolchevistas, vistos como traidores da causa aliada na Guerra Mundial. A *Tribuna do Povo*, no dia 1º de junho de 1918, publica o artigo

“Esclarecendo”, em que procurava rebater as acusações que fez o *Diário de Pernambuco*, contra o presumido financiamento alemão à Revolução de Trotsky e Lenin (*Tribuna do Povo*, 1º/06/1918, p.3). No dia 10 de julho, aparecia o artigo “Os maximalistas e os jornais burgueses” que continuava a rebater a crítica que a grande imprensa fazia à “traição russa”, mostrando que não havia nenhum sentido nesta acusação, pois a Rússia Revolucionária derrubaria a Alemanha e o restante da Europa capitalista (*Tribuna do Povo*, 10/07/1918, p.2-3). No dia 20 de julho, em “O discurso do Conselheiro”, a *Tribuna do Povo* ataca as posições de Ruy Barbosa contra a Revolução na Europa (*Tribuna do Povo*, 20/07/1918, p.1) e na edição de 1º de agosto, mais duas críticas: “*Sobre a Revolução Russa*”, em que os militantes rebatem as acusações burguesas atacando a própria burguesia que difamava a Revolução e “*A Rússia cômica*”, em que o articulista analisa uma notícia que dava a entender que em Sinferapol fora nomeada Ministra da Educação (provavelmente Comissária) uma “menina” de 19 anos e o Ministro do Interior do Cáucaso ser um analfabeto.

*A burguezia quer dar a entender a gente que agora a Rússia é o mesmo que aquillo da Maria Joanna. É a mashorca! O cúmulo da insensatez!*

*Tudo por despeito de se ver derrotada! Porque intimamente ella sabe perfeitamente que hoje na Rússia se respira uma atmospheria política de liberdade, egualdade e justiça, em virtude do triumpho da revolução socialista que botou abaixo o regimen do privilégio, proclamando a abolição da propriedade privada - o desaparecimento da miséria. Allém disso, com o triumpho do socialismo libertário, todos os cidadãos e cidadãs entraram em gozo dos seus direitos políticos. Aqui, porém, devo frizar o seguinte: a política que hoje se faz na Rússia segue uma orientação differente da política burguesa (*Tribuna do Povo*, 1º/08/1918, p.1).*

Para defender os exemplos da Revolução, estes militantes dispunham de

informações favoráveis que chegavam e circulavam por diversos meios. É importante ressaltar que as notícias que nutriam o jornalismo militante não se originavam necessariamente nos grandes jornais. Era possível ter acesso a elas por diversos meios, alguns bastante surpreendentes. Já foi aqui citado um texto publicado na Itália e que chegou à Portugal, para depois ser divulgado no Rio de Janeiro. Outro exemplo pode ser tomado do artigo “O bolshevike”, publicado na *Tribuna do Povo*, em 19 de setembro de 1918 (*Tribuna do Povo*, 19/09/1918, p.2), mas que já havia aparecido anteriormente no *Jornal do Povo*, de Belém do Pará, em 24 de agosto deste mesmo ano (*Jornal do Povo*, 24/08/1918, p.1). Este texto teria sido publicado por um jornal de Porto Rico chamado *Justicia*, cujo redator entrevistou um comandante russo que trouxera auxílio pecuniário para operários americanos presos. Este comandante explicava a Revolução Russa como resultado de uma grande coalizão de forças sociais, como anarquistas, socialistas e maximalistas. Afirmava que os russos estavam ansiosos por alcançar a liberdade e desejavam ilustrar-se, mas também que algumas características do antigo regime permaneciam na nova sociedade, a circulação de dinheiro, por exemplo. Outra afirmação que chama atenção é que o entrevistado considerava que não seriam grandes as diferenças entre anarquistas e partidários do socialismo no âmbito revolucionário.

A partir de outubro de 1918, se precipita uma grande crise dentro Império Alemão: depois de uma proposta de paz feita pelo governo aos países da Entente não ser aceita pelos comandantes militares, os soldados se recusam a retomar as hostilidades. Uma Revolução se inicia entre os marinheiros do Báltico, generalizando-se para o restante do país, provocando a fuga do Kaiser e a Proclamação da República<sup>6</sup>. No dia 10 de novembro, a *Tribuna do Povo* já noticiava, em “O Movimento Operário”, os acontecimentos na Europa, informando que estava se dando o desenlace do grande drama da humanidade, e, já que não podiam apoiar os revolucionários de armas na mão, os brasileiros estariam em espírito com eles (*Tribuna do Povo*, 10/11/1918, p.1). Na página 3 do mesmo jornal era publicada a sugestiva chamada “O mundo maximalisa-se!”, que dava conta de movimentos revolucionários em várias regiões do mundo

---

6 Sobre a Revolução Alemã ver ALMEIDA, Ângela Mendes de. *A República de Weimar e a ascensão do fascismo*. São Paulo: Brasiliense, 1999. p.25-30. Sobre o período final da Primeira Guerra e suas consequências para a Europa, ver. HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.66.

(*Tribuna do Povo*, 10/11/1918, p.3). No dia 20 de novembro, o mesmo jornal *Tribuna do Povo* estampava, na primeira página, sob o título de “No limiar da nova era”, um texto que iniciava com estas comoventes palavras:

*Felizes os homens de hoje, pois seus olhos se vão recrear no mais imponente espetáculo da história: o triunfo da liberdade sobre a tirania. A vitória das ideias socialista-anarchistas, que representam a causa da Liberdade, é cousa de que em boa fé já não se pode mais duvidar. Esta guerra, que representava as mais altas esperanças da burguezia, está dando resultado inteiramente diferente do que convinha aos interesses dos que a desencadearam. Suppunham os burguezes que desta lucta collossal entre os principaes paízes do orbe o seu poder saísse prestigiado e consolidadas ficassem suas sagradas instituições. Mas a guerra suscitou tantas e tão variadas questões; poz em jogo tão variados interesses e creou uma situação tal, que a organização burgueza terá de abrir fallencia. E à fallencia da organização burgueza succederá o estabelecimento de uma sociedade socialista, que se iniciará com o mesmo programma do maximalismo russo. (Tribuna do Povo, 10/11/1918, p.1)*

A partir deste ponto, explicava o avanço e vitória das forças “socialistas-anarquistas” em âmbito mundial: “Agora, admitida como está a implantação do bolshevikismo em todos os países, inclusive o Brasil, é necessário esclarecer o que ele é”. O bolshevikismo ou o maximalismo seriam, conforme o jornal, a concepção máxima da teoria socialista (*Tribuna do Povo*, 20/11/1918, p.1).

#### Os novos rumos da Revolução Mundial

No dia 1º de dezembro, a *Tribuna do Povo* publicava “O maximalismo no

Brasil?”, comentando notícia sobre um movimento revolucionário no Rio de Janeiro. Os autores do artigo afirmavam não terem recebido nenhuma notícia sobre o ocorrido, mas, achavam natural que o maximalismo chegasse ao país “e o meio do povo conquistar a felicidade, já se sabe: é formar soviets, é unir-se a soldados e marinheiros contra os políticos e açambarcadores”, porque “não é uma utopia a implantação do maximalismo no Brasil” (*Tribuna do Povo*, 1º/12/1918, p.4)<sup>7</sup>. Nesta mesma edição, no artigo “Propriedade privada e comunismo”, recomendava-se: “Operários, soldados e camponeses, organizai-vos em conselhos” (*Tribuna do Povo*, 1º/12/1918, p.1).

A notícia sobre o maximalismo no Brasil refere-se à tentativa de levantamento de 18 de novembro de 1918, no Rio de Janeiro. Nesta data, a principal organização libertária da Capital Federal, a Aliança Anarquista, tentou articular uma revolta que se iniciaria com uma greve geral e deveria receber a adesão de soldados e marinheiros. A ideia era fazer um “assalto” ao Palácio do Catete, para derrubar o Presidente Delfim Moreira, que havia assumido o poder fazia poucos dias e proclamar uma República Soviética do Brasil, nos moldes da que estava se constituindo na Rússia. O intento foi frustrado pela traição de um Tenente da Marinha, que era um espião da polícia, o que acarretou a prisão dos principais líderes do movimento, como Astrogildo Pereira e o exílio de outros, como Otávio Brandão<sup>8</sup>.

Acredito que este momento, tanto nacional, quanto internacionalmente, represente um ponto de inflexão importante na forma como se pensava a Revolução Social no movimento operário brasileiro. Além do impacto da Revolução Alemã e das perspectivas que ela abria para o futuro, esta primeira tentativa de insurreição no Rio de Janeiro vão tornar as possibilidades de revolta menos teóricas e mais próximas, ou seja, cada vez mais parte do “possível”, não apenas do “desejado”. Esta inflexão vai se traduzir em um aumento de informações sobre o que ocorria fora do país, mas, também, em uma maior especulação sobre os modelos de mudança social que estavam em curso, além de um crescimento do debate sobre os rumos da Revolução no Brasil, qual seu

---

7 *Tribuna do Povo*. Recife, p.4. 1º, dez, 1918. No dia 10 de dezembro o jornal publicaria o artigo “Pontos de vista”, sobre a tentativa de revolução na Capital Federal, confirmando-a. *Tribuna do Povo*. Recife, p.2. 10, dez, 1918.

8 Sobre a Insurreição no Rio de Janeiro, ver ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986 e BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004. pp.157-200.

caráter e quais instrumentos para levá-la adiante.

Um exemplo disso, ainda na *Tribuna do Povo*, é o artigo “A ditadura proletária”, em que se procura diferenciar o socialismo burguês, que tratava apenas de manter a democracia e o capitalismo, da ditadura proletária, alcançada a partir do maximalismo:

*Para maior esclarecimento da questão, apresentamos aqui a definição exacta do maximalismo. O MAXIMALISMO É A APLICAÇÃO DO MÁXIMO DAS CONCEPÇÕES SOCIALÍSTICAS, POR MEIO DA DICTADURA PROLETÁRIA.*

*A diferença que vae entre maximalistas e os socialistas de Estado é a de que estes falam em "prévio desenvolvimento do capitalismo" e em "democracia" ao passo que aquelles querem a realização IMMEDIATA do socialismo e a exclusão das classes burguezas dos encargos da administração pública. Por ahí se vê que os maximalistas é que estão com a boa doutrina e são quem defende o socialismo puro. Esses socialistas que vão cumprimentar Wilson e que applaudem a fórmula da Liga das Nações... Burguezas, não passam de cínicos embusteiros.*

(...)

*?Política Operária? Sim. O operário deve ter política. Mas a política operária não deve ser a dos parlapatões republicanos, porem uma política conforme seus interesses e as suas aspirações. Estes interesses resumen-se nisso: assegurar a sua felicidade. E esta só poderá ser assegurada quando na sociedade não houver nenhum poder político contrário ah do operário. Para isso é necessário a dictadura da nossa classe (Tribuna do Povo, 20/12/1918, p.1).*

Não deixa de ser surpreendente, da parte de um jornal ligado a militantes anarquistas e sindicalistas, este tipo de afirmação. A ditadura do proletariado ou a “ditadura de nossa classe”, não fazia parte das reivindicações dos militantes libertários,

nem de suas tradições. Além disso, e para maior perplexidade de quem esperaria uma fidelidade aos preceitos anarquistas, documentos políticos, que davam conta do funcionamento do Estado na Rússia dos Soviets, também começam a circular no país. No dia primeiro de janeiro de 1919, a *Tribuna do Povo* publicou o “Pacto Fundamental da República dos Soviets”, documento copiado do jornal *A Sementeira* de Portugal, composto de sete pontos que davam conta dos princípios políticos do novo país (*Tribuna do Povo*, 1º/01/1919, p.1).

No ano de 1919, assim como já ocorria desde 1918, o jornal *Tribuna do Povo* continuará publicando muitos artigos relacionados aos temas da Revolução Social. Além de ser necessário analisar os textos produzidos neste centro de mobilização, inclusive pela pouca atenção que se têm dado a ele no período, é importante ressaltar que o movimento operário de Pernambuco (assim como do Rio Grande do Sul e Alagoas), tinha características próprias, que não podem ser rapidamente assimiladas às do centro do país. Estudar as notícias e o debate sobre os caminhos da revolução nestes diferentes espaços é um importante exercício para desfazer a impressão subalterna de suas relações com o “centro”, mostrando-as como dinâmicas, principalmente a partir da circulação de informações.

Chama atenção a quantidade considerável de informações relacionadas às revoluções européias e documentos provenientes destes centros revolucionários. No dia 1º de janeiro são publicados os sete pontos do “Pacto Fundamental da República dos Soviets” (*Tribuna do Povo*, 1º/01/1919, p.1), no dia 1º de abril publica-se uma carta de Lênin intitulada “O operariado russo ao operariado norte-americano” (*Tribuna do Povo*, 1º/04/1919, p.4), no dia 24 de maio é publicado um poema como se fosse o “Novo hino russo (canto da Revolução)” (*Tribuna do Povo*, 24/05/1919, p.2), no dia 30 de maio aparece (postumamente) “Um vibrante manifesto de Karl Liebknecht” (*Tribuna do Povo*, 30/05/1919, p.1) e no dia 7 de junho um texto “Sobre a Revolução Russa”, de autoria de John Reed (*Tribuna do Povo*, 07/06/1919, p.1).

Também são publicadas polêmicas relacionadas às notícias que circulavam sobre a Revolução Russa e sobre as outras revoluções européias, partindo de uma reflexão sobre o jornalismo burguês. No dia 1º de março, publica-se a “Justificação da Revolução Russa”, a partir de uma série de artigos de grandes jornais, muitos dos quais

de autoria de Assis Chateaubriand, que defendiam certos aspectos do que estava ocorrendo na Europa, o que fazia chegar à conclusão de que, se os próprios burgueses já encaravam aspectos positivos da Revolução, isto fazia cair por terra boa parte de suas calúnias (*Tribuna do Povo*, 1º/03/1919, p.2). Por outro lado, na edição de 20 de abril, o texto “Mentiras e verdades”, de Astrogildo Pereira, é um ataque às opiniões dos jornais cariocas sobre o maximalismo (*Tribuna do Povo*, 20/04/1919, p.1), assim como “Nós e a Rússia” de 24 de maio, em que se debatem as críticas burguesas aos revolucionários (*Tribuna do Povo*, 24/05/1919, p.2).

O que se pode destacar, desta breve seleção de materiais sobre a Revolução, é que a praça de Recife se encontrava tão bem servida de fontes de informações quanto o Rio de Janeiro e São Paulo. Isto não só reforça a opinião que existiam canais muitos diversos para a circulação das notícias, mas também mostra a amplitude com que as novas ideias atingiram o país, o que justifica uma necessária ampliação dos horizontes a partir dos quais a história do movimento operário brasileiro vem sendo considerada.

Em 1º de março, estampa-se, em letras garrafais, na quarta página do jornal que “Ao impulso da Revolução Social todo o mundo está caminhando para a vitória dos operários. Tudo e todos por esta Santa Causa” (*Tribuna do Povo*, 1º/03/1919, p.4). No dia 20 de abril fala-se de “Epidemia maximalista”, com a adesão, inclusive, do Partido Socialista Italiano à nova prática (*Tribuna do Povo*, 20/04/1919, p.1). No dia 7 de junho se anunciam os “Prenúncios de vitória”, sobre como estava próximo o dia do triunfo da classe operária (*Tribuna do Povo*, 7/06/1919, p.1) e no dia 28 deste mesmo mês, aparece um texto sobre a “A necessidade da Revolução” (*Tribuna do Povo*, 28/06/1919, p.1-2). Como a vitória do maximalismo parecia estar próxima, também aparecem referências sobre a forma como isso se daria e no dia 10 de abril de 1919, aparece um pequeno texto intitulado “Só a ditadura operária...”, mostrando que esta era a única forma de tirar o poder da burguesia.

*Diante das perseguições governamentais, diante da clamorosa situação da carestia dos gêneros de primeira necessidade provocada pela especulação comercial e amparada pelo estado, diante da atitude dos srs. patrões em não*

*atenderem os reclamos da massa trabalhadora: - só a ditadura operária, só deitando a burguezia por terra para não mais se erguer, é que o operário e com elle demais membros da família humana poderá viver de accordo com as suas necessidades. Desejamos a paz social, mas uma paz em que a classe productora não seja esmagada pela parasitária. Não queremos a guerra social, mas os nossos inimigos conduzem-nos a lucta. Cerremos pois as nossas fileiras (Tribuna do Povo, 10/04/1919, p.1).*

Assim como nos seus congêneres do Rio de Janeiro e São Paulo, o bolchevismo também aparece como tema para as publicações. No dia 5 de julho, o texto “O que é bolchevismo”, reproduzido da *Revista Nacional*, do Rio de Janeiro, tenta explicar as divisões entre Lênin e Martov na formação do Partido Social Democrata Russo (*Tribuna do Povo*, 5/07/1919, p.1); no dia de 14 de julho, publica-se a continuação do “O que é bolchevismo”, esmiuçando sua origem a partir das teorias de Karl Marx, em uma seqüência de textos que continuaria pelos próximos números do periódico<sup>9</sup>. Um dos mais interessantes textos deste período é o “As caduquices do velho órgão: o mal entendido do “Diário””, que faz uma detalhada crítica às opiniões do *Diário de Pernambuco* sobre a Revolução Russa; nesta crítica, há uma referencia à Kropotkin, noticiando que ele havia chorado pelos rumos que estava tomando a Revolução. O articulista duvida da informação, mas toma uma posição crítica em relação a esta atitude, afirmando que o líder anarquista teria sido menos sábio que Máximo Gorki, que teria transigido com o próprio ideal para aderir ao regime sovieta. A conclusão a que o militante chega é que seria natural que a sociedade passasse por diversas fases, não podendo sair diretamente do regime capitalista para a anarquia, o que justificaria a atitude de Gorki.

*Para terminar tiramos o último ponto: duvidamos muito que o sábio Kropotkin houvesse chorado em Moscou como uma*

---

<sup>9</sup> Ao que pude verificar, foram estes textos foram publicados do número 47, de 5 de julho de 1919, até o número 54, de 23 de agosto deste ano. Não tive acesso aos números subsequentes.

*creança. Mas se de facto chorou, foi nessa hora menos sábio do que o seu discípulo Gorki, que para salvar a obra humanitária da Revolução transigiu com o próprio ideal, aderindo ao regimen sovietista, na certeza de que para a Anarchia caminha a história, e com ella, a Anarchia, como ideal puro que é, presupõe um estado social de relativa perfeição, não podendo realizar-se de uma só vez, integralmente, tanto mais quanto producto do determinismo sociológico, está por isso mesmo à mercê da vontade humana, é certo, mas também dependente das contingencias da vida, e do meio, e das leis que presidem a formação e ao evoluir das sociedades (Tribuna do Povo, 14/07/1918, p.2).*

Desta forma, os militantes pernambucanos seguiam suas lutas, criando, através da *Tribuna do Povo*, novos exemplos de identificação revolucionária e de fusões entre a tradição libertária e as novas influências maximalistas.

## Conclusão

Como mostra o teor dos debates e a atualidade em relação aos acontecimentos, os militantes que escreviam na *Tribuna do Povo* estavam a par do que ocorria no movimento operário de outras partes do mundo, procurando também dar sua contribuição para esclarecer e debater estes fatos em um período considerado decisivo. Longe de ser um exercício estéril sobre o futuro, estas preocupações apontavam para uma preocupação com as formas de organização e ação dos próprios militantes de Recife, que acreditavam que suas lutas estavam inseridas em um movimento muito maior de luta contra o capitalismo. A importância que estas notícias e artigos tinham neste jornal mostra a relevância que os militantes davam para estas questões e quanto se viam imbricados nestas lutas que não pareciam nada distantes para eles.

Bibliografia:

ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986

ALMEIDA, Ângela Mendes de. *A República de Weimar e a ascensão do fascismo*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

BROUÉ, Pierre, *União Soviética: da revolução ao colapso*. Porto Alegre: Síntese Universitária/Editora da UFRGS. 1996.

FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa operária no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

*Jornal do Povo* – Belém – 1918.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. *A classe operária em Pernambuco: cooptação e resistência (1900-1922)*. Campinas: PPG em História da UNICAMP, 1981. (Dissertação de Mestrado).

SALLES, Iza. *Um cadáver ao sol*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005

*Tribuna do Povo* – Recife – 1918-1919.